

Material de apoio ao professor



LIVRO

As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança: Baseado na obra de Miguel de Cervantes

ADAPTADORA

Luciana Sandroni

ILUSTRADORA

Ana Matsusaki

CATEGORIA 1

Obras literárias do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

TEMAS

Autoconhecimento, sentimentos e emoções
O mundo natural e social
Aventura, mistério e fantasia

GÊNERO LITERÁRIO

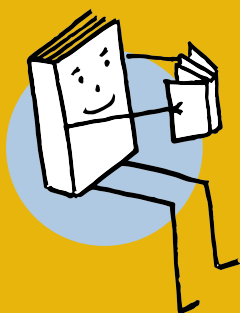
Romance

AUTORIA

Luiz Guilherme Fernandes da Costa Sakai
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC



BRINQUE-BOOK

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Angela das Neves

Sumário

Carta ao professor	4
Estrutura do material de apoio	5
Contextualização	5
Os autores	6
Gênero literário	8
Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental	9
Conversas em torno da leitura dessa obra	13
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa	15
Atividade 1: Desvendando aspectos estruturais e o estilo de <i>Dom Quixote</i> (intertextualidade e paródia)	18
Pré-leitura	18
Leitura	18
Pós-leitura	20
Atividade 2: O que é, afinal, um herói?	21
Pré-leitura	21
Leitura	21
Pós-leitura	23
Atividade 3: <i>Quixote, homo ludens</i>	24
Pré-leitura	24
Leitura	24
Pós-leitura	25
Possibilidades interdisciplinares	25
História	25
Geografia	27
Arte	27
Bibliografia comentada	28

Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança: Baseado na obra de Miguel de Cervantes*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, a adaptadora, a ilustradora, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Quixotesco. Quixotice. Quixotada. Quixotismo. Todos esses vocábulos podem ser encontrados no dicionário *Aurélio* (1988, p. 576) e designam aqueles que são “românticos”, “sonhadores”, “ingênuos” ou dados a “trapalhadas”. Incorporadas à língua portuguesa, tais palavras nos permitem entrever a importância e a potência de *Dom Quixote*, romance publicado em duas partes, entre 1605 e 1615. De autoria

de **Miguel de Cervantes**, *Dom Quixote* é, sem dúvida, uma das mais valiosas obras da literatura de todos os tempos, com passagens que integrariam o imaginário de diversos povos. Os dicionários atestam.

Poucas são as obras que, ao longo dos séculos, conquistam leitores de diversas faixas etárias, de diversos níveis de escolaridade — de estudiosos e profissionais da literatura aos leitores que buscam tão somente prazer e entretenimento por meio de uma boa história. Não há nenhum exagero. Ao narrar o périplo de Alonso Quijano, “o bom”, e de um pobre camponês/aldeão, Sancho Pança, Cervantes daria vida àqueles que “são simplesmente as maiores personagens literárias de todo o Cânone Ocidental”. Além disso, “sua fusão de loucura e sabedoria e seu desinteresse só podem ser iguados nos mais memoráveis homens e mulheres de Shakespeare” (Bloom, 2001, p. 145).

Quixote, fazendeiro que tem cerca de cinquenta anos, leva uma vida pacata na companhia da sobrinha e da governanta. Seu passatempo é entregar-se à leitura de novelas de cavalaria. Por algum motivo desconhecido, Quixote perde a razão e sai por aí, montado em seu cavalo Rocinante, trajado de cavaleiro medieval e acompanhado pelo simplório aldeão Sancho Pança — que se torna seu fiel escudeiro. Os dois desbravam a Espanha em busca de aventuras, similares às narradas nos livros consumidos pelo fazendeiro de meia-idade.

Alguns dos principais episódios (e não são poucos) dessa aventura foram adaptados por **Luciana Sandroni**. Intitulada *As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança: Baseado na obra de Miguel de Cervantes*, a obra foi publicada pela primeira vez em 2021 — portanto, mais de quatrocentos anos após os originais de Cervantes. Empregando linguagem cristalina e bem-humorada, essa adaptação ressalta o brilho e justifica o fascínio que o texto canônico exerce até hoje sobre os leitores — vale repetir — de todas as idades.

OS AUTORES

Miguel de Cervantes nasceu em Alcalá de Henares, em 1547. Muitos dos dados biográficos do escritor são até hoje motivo de divergência entre historiadores e especialistas. Sabe-se que, além da Espanha, Cervantes viveu ao menos também em Lisboa e na atual Itália. Neste último país, participou das Guerras Turco-Venezaianas: na batalha naval de Lepanto, foi ferido e perdeu totalmente os movimentos da mão esquerda.

Entre confusões de ordem pessoal, conflitos militares e encarceramentos (que, aliás, lhe renderam a escrita de algumas obras), o autor se dedicou à produção de

poesia, teatro e narrativas. Mencionaremos apenas algumas delas neste material. O romance *A Galateia*, de 1585, foi sua estreia na literatura. No mesmo ano, Cervantes publicou os volumes de poemas dramáticos *O trato de Argel* e *O cerco de Numância*.

Vinte anos mais tarde, foi lançada a primeira parte de *Dom Quixote* (1605). E, na sequência, a coletânea de contos *Novelas exemplares* (1613). O sucesso de *Dom Quixote* foi praticamente imediato. Tanto que, em 1614, começou a circular uma segunda parte da narrativa protagonizada pelo engenhoso fidalgo e seu fiel escudeiro. A versão, contudo, era falsa — não fora escrita pelo autor. Apenas no ano seguinte foi lançado o segundo volume, realmente assinado por Cervantes, com a continuação e o desfecho das aventuras da dupla. O escritor faleceu em 1616, em Madri.

Dom Quixote é o romance mais consumido por leitores da Espanha em toda a história e, possivelmente, também fora do país em que Miguel de Cervantes nasceu. Do físico Albert Einstein ao escritor J. M. Coetzee, são incontáveis os leitores, e de diversas áreas de conhecimento, fígados pela obra máxima do escritor espanhol. Passados mais de quatrocentos anos, a fabulosa narrativa rendeu inúmeras adaptações em diversas linguagens — do cinema aos quadrinhos. E também inspirou incontáveis canções e a criação de diversas obras plásticas — pinturas em telas, esculturas, monumentos que ocupam espaços urbanos em vários cantos do planeta (incluindo o Brasil).

Uma das inúmeras adaptações é essa, realizada por Luciana Sandroni. Nascida em 1962, no Rio de Janeiro, e formada em Letras pela PUC-Rio, Sandroni dedica-se à atividade de escritora e de roteirista. Entre suas mais de vinte obras destinadas ao público infantojuvenil, destaca-se *Minhas memórias de Lobato*, que em 1998 rendeu à autora o prêmio Jabuti na categoria Melhor Livro Infantil.

Na produção de Sandroni, merecem destaque as obras dedicadas às crianças, e com vistas à preservação da memória cultural brasileira. É o caso de *O Mário que não é de Andrade* (2001), composto a partir de documentos e textos assinados pelo célebre autor que encabeçou o movimento modernista paulistano. Outras obras notórias são *Joaquim e Maria e a estátua de Machado de Assis* (2009) e *Memórias póstumas de Noel Rosa* (2014), em que, criativamente, apresenta dados biográficos do escritor e do sambista icônicos das artes carioca e nacional. Ou, ainda, *Era uma vez 20* (2019), que apresenta especialmente a infância de dez mulheres e de dez homens que se consagrariam importantes artistas nacionais. *As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança*, saborosa adaptação elaborada a partir do romance de Cervantes, até o momento é seu último trabalho.

A ilustradora dessa obra é **Ana Matsusaki**. Nascida em 1986, em São Paulo, ela é formada em design gráfico e desde 2015 atua em seu próprio estúdio. Trabalhou como ilustradora em mais de vinte obras destinadas ao público infantojuvenil. Seu primeiro livro autoral é *A colecionadora de cabeças* (2020), no qual assina o texto e as ilustrações. A artista experimenta diversas técnicas relacionadas à arte da ilustração — colagem, carimbo, nanquim, lápis.

GÊNERO LITERÁRIO

As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança: Baseado na obra de Miguel de Cervantes pode ser classificado como **romance**. Geralmente dividido em diversos capítulos (o volume que você tem em mãos contém 23), trata-se de uma narrativa longa, em comparação, por exemplo, com os contos. E é centrada nas aventuras dos dois protagonistas indicados no próprio título.

Esquematizar uma genealogia dos romances não é tarefa fácil. É sabido, contudo, que a obra máxima de Cervantes é um dos acontecimentos mais importantes em se tratando da consolidação desse gênero, moderno por excelência. Para Harold Bloom (2001, p. 141), “Cervantes em essência inventou” o romance da modernidade, em oposição às narrativas de cavalaria e de tradição picaresca em voga na Idade Média.

Numa obra importante sobre a consolidação desse gênero literário na modernidade (isto é, no período que sucede a era medieval), Ian Watt atribui ao romance a capacidade de colocar em cena o que se entende por realismo filosófico, cuja acepção remonta ao pensamento de René Descartes e de John Locke. Segundo o crítico, “o moderno realismo parte do princípio de que o indivíduo pode descobrir a verdade através dos sentidos” ou, dito de outra forma, “a busca pela verdade é uma questão inteiramente individual” (Watt, 2011, p. 13). Talvez por isso, ao construir um personagem com tantas nuances e que, por sua vez, sai em busca de sua própria verdade, Cervantes seja considerado o inventor do romance moderno.

Quanto aos aspectos estruturais, também não é tarefa simples delimitar o que é, afinal, o romance. Mikhail Bakhtin é o pensador cujos estudos estão entre os que mais contribuíram para entendermos o que caracteriza a estrutura desse gênero literário:

[...] o romance é o único gênero em evolução, por isso ele reflete mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente, e mais rapidamente a evolução da própria realidade [...]. O romance antecipou muito e ainda

antecipa a evolução de toda a literatura. Desse modo, tornando-se o senhor, ele contribui para a renovação de todos os outros gêneros [...] (1993, p. 400).

Note-se que Bakhtin utiliza repetidas vezes o termo “evolução”, recusando-se, por conseguinte, em estancar as características desse gênero literário. E ao afirmar que ele contribui para a renovação de outros gêneros (literários ou de outras esferas), o pensador reconhece que o romance se apropria de outros tipos de texto que lhe são, aparentemente, alheios. No caso de *Dom Quixote*, ocorre certa apropriação das características das novelas de cavalaria — o que deixaremos mais claro adiante, em especial nas atividades de Língua Portuguesa. Não se trata de uma apropriação reiterativa/repetitiva, mas, antes de tudo, irônica e subversiva, pois acontece, pela via do riso, uma atualização dessas novelas medievais enquanto a narrativa se desenrola e o romance (destaque-se, moderno) se edifica.

Em linhas gerais, as características basilares desse gênero narrativo prosaico e extenso são a construção de personagens que experimentam a realidade e buscam a verdade empiricamente, isto é, pela via de suas percepções sensoriais, e a apropriação de outros gêneros existentes, gesto que os atualiza. À medida que apresentarmos as sugestões de atividades, aprofundaremos a abordagem de alguns conceitos que aqui foram apenas mencionados.

Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental passam por uma série de mudanças e de transformações inerentes à transição da infância para a adolescência. Isso implica “intensas mudanças decorrentes de transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais”. Também é nesse período que se ampliam “os vínculos sociais e os laços afetivos, as possibilidades intelectuais e a capacidade de raciocínios mais abstratos”. Acrescente-se ainda que “os estudantes tornam-se mais capazes de ver e de avaliar os fatos pelo ponto de vista do outro, exercendo a capacidade de descentração” (Brasil, 2018, p. 60).

Podemos estabelecer uma aproximação entre essa constatação apontada pela BNCC e o que apresentamos anteriormente sobre a consolidação do gênero roman-

ce. Como dissemos, o romance moderno explora as descobertas individuais compreendidas pelos protagonistas. Trata-se de uma busca pela verdade — não universal, mas particular. Não à toa, por conferir ao fidalgo Quixote características psicológicas até então sem precedentes, Cervantes é considerado o inventor desse gênero moderno.

Apenas esse aspecto da obra já justifica a pertinência de ser lida em sala de aula. Ao sair em busca de aventuras, à semelhança das narradas nas novelas de cavalaria (abordaremos essa vertente literária nas atividades), e em defesa dos desvalidos e dos mais fracos, e ao tentar consertar por vias peculiares (às vezes atrapalhadas) um mundo que considera injusto, Quixote experimenta uma série de frustrações, ainda que só as perceba no fim da narrativa. Embora o protagonista desbrave sua terra natal, *Dom Quixote* é, antes de tudo, uma obra que versa sobre **autoconhecimento, sentimentos e emoções**. Harold Bloom, aqui apoiado nas interpretações do ensaísta Miguel de Unamuno, afirma: “Dom Quixote deixa sua aldeia em busca da pátria de seu espírito no exílio, porque só exilado pode ser livre” (2001, p. 133). Trata-se, assim, de um autoexílio, o que o leva a ampliar seu **autoconhecimento**.

Relacionado à empreitada de autodescobertas/autoconhecimento, encontra-se, também, o eixo temático concernente ao **mundo natural e social**. Afinal, Dom Quixote e seu fiel escudeiro percorrem diferentes paisagens da Espanha, deparando com pessoas de diversos estratos sociais, como pastores, aldeões, sacerdotes, duque e duquesa, entre outros. Ampliam, assim, seus laços e convivências, ainda que esse encontro com uma diversidade de pessoas não seja sempre aprazível. Ao contrário, as duas personagens são alvo de chacotas, incompreensão e insultos.

E não só: a suposta loucura de Dom Quixote, questionada e no entanto pouco a pouco aderida por Sancho Pança, revela-se, no fim das contas, uma sabedoria, visto que está ancorada num senso de justiça, numa irreduzível lealdade (no caso de Quixote, à sua amada Dulcineia; no caso de Sancho Pança, a seu companheiro cavaleiro). Por essa razão, a obra, posto que simultaneamente bem-humorada e melancólica, versa sobre ética. O que também justifica a adequação a jovens leitores do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental — os quais, à sua maneira, estão ampliando seus laços, e aprendendo e colocando à prova diversos valores.

Tudo isso contempla a **vida familiar e social**, Tema Contemporâneo Transversal (TCT) que integra a macroárea **cidadania e civismo**, imprescindível à consumação de uma educação qualificada — qualificação que, por sua vez, abarca também valores éticos. E por conta da suposta loucura de Dom Quixote e dos insultos que o per-

sonagem recebe, o professor pode trazer para debate em sala de aula a **saúde mental** e o **respeito e valorização do idoso**, temas que integram os TCTs.

Mais que isso, esses temas aos quais *Dom Quixote* pode ser relacionado contribuem para assegurar competências gerais a serem desenvolvidas na educação básica, em especial a competência 3*, referente ao repertório cultural, a competência 8**, relativa ao autoconhecimento e ao autocuidado, e a competência 9***, pelo exercício da empatia e da cooperação, com o personagem em sua luta pelos mais fracos e injustiçados.

Igualmente importante é o caráter lúdico e prazeroso da obra. Ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental, é imprescindível que se contribua para a formação de leitores-fruidores — aspecto crucial ao desenvolvimento da autonomia da capacidade leitora por parte dos estudantes e que estimula o diálogo e o exercício da empatia. Conforme a BNCC, nessa etapa da vida escolar “está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita” (Brasil, 2018, p. 138). Também e especialmente nesse aspecto, *Dom Quixote* é um prato cheio. Os temas mencionados anteriormente relacionam-se e desenvolvem-se por meio de uma fascinante narrativa de **aventura, mistério e fantasia**.

Convém frisar que a obra mescla, talvez de forma inigualável, realismo e fantasia ou, então, realidade e loucura. Isso porque o caráter fantasioso está relacionado aos momentos em que acessamos a subjetividade de Dom Quixote. Os gigantes, afinal, são apenas moinhos de vento (para citarmos uma das passagens mais célebres do romance). Nas perspectivas de outras personagens, em maior adesão a um mundo concreto (dito real) sem a presença de criaturas monstruosas ou fantásticas, a história é outra, e bem diferente. O próprio Sancho Pança, durante toda a narrativa, alerta Dom Quixote a respeito da inexistência dessas criaturas fantasiosas. Tudo

* 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (Brasil, 2018, p. 9).

** 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e a dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas (Brasil, 2018, p. 10).

*** 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p. 10).

isso contribui, também, para que o estudante contemple diferentes pontos de vista e de leituras de mundo. Por mais que Quixote tenha, de algum modo, delirado — o que ele mesmo reconhece no fim da narrativa —, sofremos com ele, encantamo-nos com seu senso de justiça: gesto de empatia.

Tais eixos temáticos de *Dom Quixote* propiciam diversas chaves de leitura da obra — o modo como escolhemos adentrar num livro a partir do que consideramos essencial para o entendimento da narrativa (Bajour, 2012). Vale a pena, então, questionar os estudantes, antes de apresentar-lhes a obra, a respeito de seu mundo ideal: O que entendem por justiça? Quais os principais problemas em seu entorno? O que poderiam fazer para melhorar ou mitigar esses problemas? Também é válido questionar o que, na opinião deles, significa ser um herói. Ou até que ponto estamos dispostos a enfrentar as adversidades em busca da realização de nossos sonhos. Tudo isso será abordado com mais detalhes nas propostas de atividades em Língua Portuguesa.

A leitura prazerosa, imprescindível à formação do leitor-fruidor, deve-se, também, ao fato de essa edição ser uma adaptação que aproxima o enredo instigante do século xvii à linguagem dos jovens dos dias de hoje. Como você sabe, adaptações literárias são importantes para que leitores dessa faixa etária sejam introduzidos ao universo dos cânones literários — cuja linguagem, por distanciamento temporal e/ou espacial (e portanto cultural) — pode apresentar desafios ou levar os jovens (ou até os adultos) a desistir de encarar obras tão fascinantes.

Tal processo de adaptação implica escolhas. Trata-se de uma série de recortes, nos quais se abre mão de alguns episódios em prioridade de outros — sempre com o cuidado de contribuir para a formação dos jovens leitores, sem perder de vista o encantamento do texto original. Portanto, esses temas abarcados por *Dom Quixote* manifestam-se na adaptação de autoria de Luciana Sandroni. No que concerne ao **estilo** dessa adaptação, além da linguagem cristalina, direta e bem-humorada, outro aspecto notável e atraente são os diálogos constantes que a narrativa estabelece com seus leitores (muitas vezes explicitamente mencionados ao longo do texto) e que estão presentes no encerramento de quase todos os capítulos. Tudo isso estimula que o jovem continue a ler o romance, visto que constrói um suspense no fim dos capítulos, despertando a curiosidade a respeito do que virá pela frente.

Desse modo, a leitura da obra contribui especialmente para assegurar o desenvolvimento da competência específica 1 da área de Linguagens para o Ensino

Fundamental*, por valorizar as linguagens como expressão de subjetividades e identidades, e da competência específica 5** por desenvolver o senso para fruir as diversas manifestações artísticas.

É por isso tudo que *As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança: Baseado na obra de Miguel de Cervantes* é leitura imprescindível aos estudantes do 6º e 7º anos.

Conversas em torno da leitura dessa obra

Num contexto em que os estudantes são, a todo momento, estimulados por dispositivos eletrônicos, pelas telas de celulares e *tablets*, pelas infinitas possibilidades fornecidas pela internet (com destaque às redes sociais), por jogos eletrônicos e on-line, entre muitos outros aparelhos e recursos, nós, professores, nos vemos ante desafios pedagógicos talvez inéditos. Afinal, diante desse cenário marcado pela rapidez e pela simultaneidade, que lugar a leitura de um livro teria na vida e nos hábitos dos adolescentes? Trata-se de um caminho sem volta, e não parece uma saída profícua opor esse universo multimidiático e multimodal à leitura de livros, atividade muitas vezes introspectiva e silenciosa (quase contrária aos sons e à pirotecnia de boa parte desses aparelhos).

A própria BNCC apresenta uma acepção de leitura que vai muito além de acompanhar, por meio de movimentos oculares, uma sequência de palavras dispostas e impressas em páginas a serem decodificadas. O documento oficial compreende a leitura “em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais” (Brasil, 2018, p. 72).

* 1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais (Brasil, 2018, p. 65).

** 5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (Brasil, 2018, p. 65).

Respaldados pela BNCC, vemo-nos diante da oportunidade de conciliar com a linguagem verbal uma série de outras manifestações artísticas e culturais, muitas das quais não se veem dependentes da palavra escrita ou oral. Não significa, nem longe, que devemos deixar de lado ou reduzir esse tipo específico de leitura. Convém nos valermos dessas outras linguagens com o intuito de tornar os livros mais atraentes aos estudantes, num contexto em que os livros concorrem com outras tecnologias, muitas vezes ficando para trás, em se tratando de gostos e preferências dos jovens estudantes.

As outras linguagens, por sua vez, não devem ser subordinadas à da palavra escrita, isto é, não são um trampolim para o texto verbal e literário, como se este fosse superior às outras manifestações culturais. Os desafios, como vemos, são abissais. Cabe à escola, portanto,

proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (Brasil, 2018, p. 67-68).

É comum afirmarmos que os estudantes de hoje ou leem menos ou nem sequer leem. Tal constatação, porém, não é verdadeira, visto que, ao comunicar-se por redes sociais ou aplicativos de mensagens, consumindo informações e conteúdos em portais e nas redes sociais, os jovens (e também nós) estão lendo e escrevendo. E muito. Isso significa que ocorrem, sim, outros tipos de leituras, às vezes rápidas, intempestivas e de passagem, sem o diálogo e as pausas necessárias para ruminar os textos e seus conteúdos, sejam eles informativos ou de fruição.

Daí a importância de certa lentidão, das pausas e dos silêncios; daí a importância de serem criadas oportunidades e condições para a troca de opiniões sobre um texto, mesmo que sem compromisso, e sem intuito avaliativo ou utilitarista. A leitura de um romance exige concentração, demanda um leitor atento às nuances de linguagem típicas de uma manifestação artística que se vale de palavras. Tudo isso contribui para a ampliação dos letramentos, visto que estimula o diálogo e contribui para desenvolver a participação crítica por parte dos estudantes.

Por isso, há que se considerar desde a organização de espaços aconchegantes até mesmo rodas de conversa em que se troquem informalmente opiniões a respeito da obra. Espaços aconchegantes que vão desde ler a obra a céu aberto, no pátio da escola (se possível), ou mesmo a reorganização da sala de aula, com carteiras

dispostas em círculos ou com almofadas no chão — tudo isso com o intuito de os estudantes se sentirem mais à vontade e acolhidos à medida que realizam a leitura.

Seria interessante variar as práticas e estratégias no momento da leitura. Você pode iniciar com leitura em voz alta em dados momentos, convidando depois alguns estudantes a lerem excertos do romance. Em outros, pode ocorrer a leitura compartilhada e alternada, com pausas e diálogos a respeito de passagens que chamem a atenção. Vale a pena reservar, também, momentos para que a turma leia silenciosamente a obra em questão, ou mesmo leia algumas passagens fora da escola, em casa ou em outro espaço que você considerar viável. Há que se lembrar que a obra versa sobre **autoconhecimento, sentimentos e emoções**, e também a respeito do **mundo natural e o mundo social**, no qual, invariavelmente, lidamos com as diferenças. Assim, é fundamental estimular os diálogos e o respeito às opiniões alheias, o que implica atividade de escuta. Trata-se de um exercício de empatia e de um estímulo à leitura e à fruição da obra literária.

A seguir, nas propostas de atividades de Língua Portuguesa, esmiuçaremos estratégias que visam tornar mais prazerosa a leitura dessa obra, com o objetivo de fornecer algum repertório de atividades a serem planejadas conforme o perfil de sua turma. Com isso, esperamos contribuir para que, futuramente, os jovens leitores se tornem mais autônomos e fruidores.

Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

Estas propostas têm como finalidade, especialmente, contribuir para a formação do leitor-fruidor. Desse modo, especificaremos o que mencionamos nas seções anteriores, o que também tornará mais claro por que *As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança: Baseado na obra de Miguel de Cervantes* é obra valiosa para os estudantes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Tendo em vista que se trata de um romance, serão contemplados os elementos básicos que compõem esse gênero, além das especificidades da obra em questão. As atividades estão inter-relacionadas e são interdependentes, pois cada uma delas enfatiza chaves específicas de leitura. No entanto, isso não impede que sejam realizadas de forma isolada. As propostas que seguem potencializam as seguintes habilidades:

- EF69LP07* e EF69LP51**: essas habilidades referem-se especialmente às atividades 1 e 2, que sugerem produção de textos, precedida de planejamento de diferentes gêneros por parte dos estudantes.
- EF69LP46***, EF69LP47****, EF69LP49*****, EF67LP27***** e

* (EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação — os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação —, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc. (Brasil, 2018, p. 143).

** (EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção — o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. — e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário (Brasil, 2018, p. 159).

*** (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (Brasil, 2018, p. 157).

**** (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (Brasil, 2018, p. 159).

***** (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (Brasil, 2018, p. 159).

***** (EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos (Brasil, 2018, p. 169).

EF67LP28*: essas habilidades, a rigor, são estimuladas pelas três sugestões de atividades de Língua Portuguesa, pois tratam do compartilhamento de leitura e visam estimular a análise de textos diversos e despertar o interesse do estudante pela fruição de uma obra literária.

- EF69LP53**: habilidade também trabalhada pelas três atividades propostas, especialmente no momento em que ocorre a leitura, visto que estimula a leitura em voz alta da narrativa.
- EF67LP24***: esta habilidade, que estimula os estudantes a registrarem notas acerca de conteúdos de aula, é contemplada especialmente pela primeira atividade sugerida. Tal atividade propõe a produção de um painel que, por sua vez, demanda que os estudantes realizem anotações sobre a obra.
- EF67LP30****: esta habilidade é estimulada pelas três atividades que

* (EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender — selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes —, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (Brasil, 2018, p. 169).

** (EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos — como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, — contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, líras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão (Brasil, 2018, p. 161).

*** (EF67LP24) Tomar nota de aulas, apresentações orais, entrevistas (ao vivo, áudio, tv, vídeo), identificando e hierarquizando as informações principais, tendo em vista apoiar o estudo e a produção de sínteses e reflexões pessoais ou outros objetivos em questão (Brasil, 2018, p. 169).

**** (EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto (Brasil, 2018, p. 171).

sucedem a leitura, por meio de diferentes chaves da obra. Todas as atividades propõem produções escritas com ênfase em narrativas criativas e literárias.

ATIVIDADE 1: DESVENDANDO ASPECTOS ESTRUTURAIS E O ESTILO DE *DOM QUIXOTE* (INTERTEXTUALIDADE E PARÓDIA)

PRÉ-LEITURA

Antes de iniciar a leitura do romance, num primeiro momento, fazer uma roda de conversa. Perguntar aos estudantes o que compreendem a respeito do gênero romance. Como você sabe, resgatar o repertório e as experiências dos jovens leitores é uma das estratégias para que a leitura se torne atraente. É muito comum que associem o romance a narrativas que se limitam a contar histórias de relacionamentos amorosos. Não se trata, necessariamente, de um equívoco: as obras cinematográficas, por exemplo, são divididas e classificadas em gêneros. Um deles é precisamente o romance — são filmes que versam exatamente sobre a vida de um casal. Assim, é necessário diferenciar o gênero literário das vertentes cinematográficas, e frisar que, numa narrativa literária romanesca, as possibilidades são diversas: podem ser de terror, de aventura, de ação, ficção científica, além, claro, de versar também sobre histórias de amor.

Sugerimos expor aos estudantes o conceito de “paródia”, não de uma forma teórica, mas convidando-os a analisar uma série de imagens. A imagem da *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, por exemplo, já foi alvo de incontáveis paródias nas artes plásticas e em montagens que circulam na internet — basta ver a quantidade de *memes* que circulam por aí. *O grito*, de Edvard Munch, também é outra obra conhecida que costuma ser alvo de releituras: nos dispositivos móveis, há, inclusive, um *emoji* que alude ao quadro de Munch. Se preferir, pesquise outras produções visuais que são fonte de releituras. O mesmo ocorre com poemas, a exemplo da “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, e que, como os quadros mencionados, receberam uma série de releituras. Assim, vale a pena estimular que os estudantes manifestem suas impressões sobre essas releituras. Como veremos, essa adaptação se edifica a partir do gesto paródico.

LEITURA

Agora é o momento de ler o romance. Um dos aspectos mais importantes na descrição do herói é que ele é obcecado por ler novelas de cavalaria — o que, supostamente, o leva à loucura e o faz partir em busca de aventuras, na tentativa de viver

na própria pele os mesmos enredos dos cavaleiros medievais, com o intuito de “tornar-se ele próprio um cavaleiro andante, resgatar o tempo dos heróis” (p. 9).

Professor, note que logo na segunda página da narrativa (p. 9) são mencionados dois célebres heróis protagonistas de novelas de cavalaria: Amadis de Gaula e El Cid. Mesclando ficção e personagens históricas, essas narrativas eram amplamente consumidas por leitores na Idade Média.

As novelas de cavalaria versavam, em geral, sobre a bravura de cavaleiros que, inicialmente não pertencentes à nobreza, demonstravam coragem, passando por provas e conflitos com figuras monstruosas. Tais heróis eram recompensados com o ingresso à corte e à nobreza, em geral casando-se com alguma princesa.

Para saber mais sobre os aspectos estruturais e temáticos dessa vertente narrativa, vale a pena ler o artigo “Explorando um gênero literário: os romances de cavalaria” (Lopes, 2011).

Vale a pena, durante a leitura, destacar algumas passagens que citam essas narrativas. É notável que *As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança* fornece uma série de características das novelas de cavalaria que são contrapostas pelo que é vivido por Dom Quixote, mesmo que o protagonista tenha a intenção de reproduzi-las fielmente. Por exemplo: “O nobre lembrou que todo cavaleiro andante possuía um belo cavalo e foi ao curral. Encontrou um bem magro, pele e osso, coitado” (p. 10).

Com base nessa passagem e em muitas outras, você pode estimular os próprios estudantes, se possível em duplas, a realizar essa comparação, fazendo anotações no caderno. Convém, então, sugerir que façam uma tabela com duas colunas: “novelas de cavalaria” e “*Dom Quixote*”. Exemplo: na coluna “novelas de cavalaria”, preencher com “belo cavalo”; na segunda, com “cavalo magro, pele e osso”. E assim sucessivamente, conforme a leitura avança. Esse tipo de proposta exige uma leitura atenta às minúcias do texto, e por isso demanda orientação do professor.

À medida que a leitura e essas anotações avançam, recomendamos criar um painel colaborativo. Numa cartolina (ou em outro suporte similar, como papel pardo, sulfite etc.) a ser compartilhada por toda a sala, cada dupla transcreve uma

diferença entre as novelas de cavalaria e *Dom Quixote*. Por exemplo: nas novelas de cavalaria aparecem castelos; em *Dom Quixote*, um armazém (p. 11-12); nas novelas de cavalaria, gigantes; em *Dom Quixote*, moinhos de vento (p. 24-29). Enfim, selecione com os estudantes essas passagens e construam juntos esse painel comparativo. Essa atividade de leitura estimula que os estudantes desvendem dois conceitos inter-relacionados: intertextualidade e paródia.

Professor, por intertextualidade entenda-se o diálogo que um texto estabelece com outros. Segundo Kristeva (apud Samoyault, 2008, p. 16), "todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto".

Por sua vez, a teórica canadense Linda Hutcheon apresenta o conceito de paródia como uma relação específica de intertextualidade. Segundo ela, trata-se de "repetição com distância crítica, que marca as diferenças ao invés das semelhanças" (1985, p. 17). Tal diferença se nota pela ironia.

Dom Quixote, como afirmam muitos estudiosos, ironiza as novelas de cavalaria medievais.

PÓS-LEITURA

Depois de ler toda a obra, seria interessante retomar o painel elaborado pela turma, sob sua orientação, e verificar os pontos de intertextualidade e de paródia patentes no romance.

Cabe reforçar que a própria obra é uma adaptação, ou seja, uma narrativa por excelência intertextual, uma vez que tem como referência um original. É claro que as finalidades de uma adaptação são outras. Todavia, convém frisar esse aspecto. Então, é o momento de sugerir que os estudantes, com base no que foi abordado nessa sequência de atividades, elaborem sua própria paródia. Vale a pena solicitar que tragam músicas ou que pesquisem obras de outras linguagens, como produções visuais (a exemplo do que foi sugerido no momento de pré-leitura), para que planejem a paródia que vão fazer. Lembre-se de que, em geral, as paródias são manifestações bem-humoradas, que visam criticar ou a própria obra com a qual dialogam ou então outra situação. Depois, reserve uma ou duas aulas para que a turma compartilhe suas criações e produções textuais e/ou imagéticas.

ATIVIDADE 2: O QUE É, AFINAL, UM HERÓI?

PRÉ-LEITURA

Sugerimos fazer uma roda de conversa com os estudantes para trocar opiniões e mobilizar o repertório prévio a respeito da figura do herói. Assim, é válido perguntar o que eles entendem por herói: O que caracteriza esse tipo de personagem? Quais são suas características físicas e psicológicas? Esses heróis contam apenas com sua esperteza, inteligência, capacidade de elaborar estratégias? Ou recebem ajuda de entidades ou outros seres imaginários? Possuem algum objeto ou artefato que assegure vantagem sobre os eventuais adversários? Costumam se dar bem nas aventuras que enfrentam?

Aqui, não estamos tratando apenas dos heróis que aparecem em narrativas literárias, mas em produções como quadrinhos, *games*, filmes e animações. É esperado que, ao elencar os heróis dos quais se lembram, os adolescentes mencionem superpoderes, artefatos poderosos capazes de desarmar ou derrotar inimigos, entre outros atributos que, sobretudo no cinema, tornaram-se verdadeiros clichês.

Como veremos, o próprio Quixote tem noções um tanto fechadas a respeito do que é um herói. Suas características (e também as de seu fiel escudeiro), contudo, distanciam-se dessas noções. Após a roda de conversa, vale a pena solicitar que os estudantes registrem no caderno essas descrições. Elas serão aproveitadas posteriormente.

LEITURA

É o momento, então, de ler a obra a partir dessa chave de leitura. Aqui, como evidenciado, o foco serão as descrições a respeito do protagonista, bem como algumas aventuras e conflitos em que Dom Quixote se dá mal. Assim, você pode iniciar a leitura em voz alta e, posteriormente, convidar os estudantes a ler alguns trechos. Espera-se que alguns estudantes leiam voluntariamente.

Logo na primeira página, encontramos uma descrição de Dom Quixote, apresentado, nesse momento, com seu verdadeiro nome: Alonso Quixano, “o bom”, “por ser caridoso com todos” (p. 8). Note-se que aqui já temos um atributo moral a respeito do herói. No parágrafo seguinte, contudo, começam os atributos inusitados. Quixano é proprietário de “uma fazenda que ia de mal a pior, pois não tinha ânimo para cuidar da terra e do pasto” (p. 8). Você pode perguntar à turma se essa

característica, que remete à preguiça e à indisposição, corresponde às expectativas sobre tal figura. É esperado que não sejam correspondentes.

Posteriormente, ainda no começo da narrativa, apresenta-se outra característica fundamental de Quixote, e que justificará a iniciativa que motiva as aventuras que ele, por sua conta e risco, decide viver: “Mas o fato, leitor, é que o nobre tinha momentos de lazer — a maior parte do tempo, é bom que se diga —, em que se dedicava à leitura de livros de cavalaria. A paixão era tanta que ele se esquecia da vida e da administração da fazenda só para ler” (p. 8). Note-se que aqui se esboça um personagem de pouco senso prático, mergulhado nessas narrativas e em seu universo subjetivo. Não são comuns os heróis dados à introspecção — pelo menos em narrativas que não sejam literárias. Sugerimos que converse com os estudantes a esse respeito. Logo na sequência, vem o fato mais surpreendente e estranho: “[...] de tanto ler, nosso fidalgo, numa madrugada, misturou tudo na cabeça e enlouqueceu: não distinguia realidade e fantasia, vivia no mundo das histórias, no tempo dos cavaleiros andantes, e só pensava em grandes aventuras” (p. 9). Aqui, limitamo-nos às descrições que aparecem no início do romance. Você pode selecionar outras para discutir com suas turmas.

É recomendado, também, comentar as passagens em que Dom Quixote revela-se como uma figura atrapalhada, por exemplo:

E, furioso, [Quixote] avançou sobre o mercador com sua lança. Todavia, o pobre Rocinante tropeçou numa pedra e caiu; o fidalgo, em apuros, tombou no chão, e foi escudo para um lado, espada e lança para o outro — um vexame! (p. 17-18).

Professor, para o teórico György Lukács, a figura de Dom Quixote inicia a tradição do que ele designa como “herói problemático”, tradição que ganharia força especialmente no século XIX. Trata-se de um herói que vive um “encerramento maníaco em si mesmo”. Lukács ainda acrescenta que “o máximo de sentido adquirido pela experiência vivida torna-se o máximo de não senso: a sublimidade torna-se loucura, monomania” (2007, p. 113).

É importante observar que Dom Quixote, devido a sua suposta loucura, é alvo de insultos por parte de algumas personagens que cruzam seu caminho. Não ra-

ro é chamado de louco, louquinho, magrelo, entre outros termos pejorativos que aparecem ao longo da narrativa. O mesmo acontece com Sancho Pança, chamado de gorducho, por exemplo. Tudo isso demanda cuidado na hora da leitura com os estudantes. É necessário ponderar que se trata de uma adaptação contemporânea de um clássico do século XVII.

Uma obra literária, que é também documento histórico, acaba por revelar costumes e mentalidades de época. Tais insultos e zombarias, se hoje são devidamente questionados, antes eram aceitos ou tratados como comuns. Escamotear esses insultos, entretanto, compromete o desenvolvimento da obra — em especial a construção dos personagens, que ocorre não só pela voz do narrador como também por meio das relações que Dom Quixote e Sancho Pança estabelecem entre si e com os demais personagens (pouco amistosos) que figuram no romance.

Também merece contextualização a menção a figuras de princesas (geralmente prometidas em casamento — sem que seus desejos ou vontades sejam levados em conta — em narrativas como contos de fadas, novelas de cavalaria ou em alguns romances que têm como cenário o sistema da monarquia). Casamentos arranjados eram vigentes na época em que *Dom Quixote* foi escrito, e por isso vemos em narrativas como essa a mulher sendo oferecida como “prêmio de consolação”, por exemplo. A ideia de escolher o parceiro do casamento com base em um relacionamento afetivo é relativamente recente e, de algum modo, revolucionária.

PÓS-LEITURA

Depois da leitura, convém fazer outra roda de conversa com a turma e questionar até que ponto a construção do personagem Dom Quixote corresponde ao que elencaram anteriormente, na pré-leitura. Como vimos, o herói sofre inúmeras “derrotas” e, em vez de reconhecimento, enfrenta o ridículo. Entretanto, no fim das contas, acaba conquistando seus leitores. Vale a pena estimular a turma a expressar suas opiniões a respeito de uma figura tão fascinante. Assim, sugerimos retomar as anotações dos estudantes sobre o que entendem por herói e perguntar-lhes, também, quais seriam, hoje em dia, os principais desafios a serem combatidos por um herói. Com base nas respostas, vale a pena estimulá-los — a partir do retrato do herói realizado na pré-leitura — a escrever um conto em que essa figura enfrenta as injustiças nos dias de hoje.

Como Quixote, a ideia é que enfrentem os desafios, podendo ou não triunfar sobre tais “monstros”. Essa atividade exige um roteiro para a escrita. A ideia é construir uma narrativa breve, ou seja, um conto ou um episódio em que o prota-

gonista seja o herói imaginado na pré-leitura. Recomendamos que enfatize, assim, a diferença entre esses gêneros literários (romance e conto). Só depois de elaborar o roteiro é que a narrativa deve ser desenvolvida individualmente.

ATIVIDADE 3: QUIXOTE, *HOMO LUDENS*

PRÉ-LEITURA

Numa roda de conversa, perguntar aos estudantes o que conhecem a respeito de jogos. Pode ser desde as brincadeiras que inventavam com os amigos durante a infância, jogos de tabuleiros ou mesmo o *role playing game* (RPG), jogos de interpretação de papéis, em tradução livre. Se considerar pertinente, vale a pena estimular que a turma pesquise, se possível na sala de informática da escola, as regras desses jogos — lembrando que o RPG tem regras flexíveis, de acordo com a finalidade da aventura. É necessário que as regras sejam registradas no caderno, pois serão aproveitadas ou adaptadas na proposta de pós-leitura.

LEITURA

Após anotar as características das novelas de cavalaria (atividade 1) e elencar características do protagonista (atividade 2), esta atividade visa ampliar o que foi feito anteriormente. Agora as caracterizações serão ampliadas aos demais personagens — Sancho Pança, o Duque e a Duquesa que aparecem na segunda parte do romance, o ardiloso e malicioso mordomo, entre outros. Atente-se, também, aos episódios de aventuras que ocupam quase todas as narrativas, inclusive à descrição de paisagens. As ilustrações de Ana Matsusaki podem ser uma aliada nesse momento, visto que a artista traduz em desenhos alguns elementos que aparecem em cada um dos capítulos da narrativa. Também é interessante imaginar quais características teriam aquelas personagens que só existem na imaginação de Dom Quixote: por exemplo, o feiticeiro Frestão.

É importante que você acompanhe essas caracterizações. Recomendamos, assim, que a produção seja feita em conjunto: você pode escrever no quadro, por exemplo, as respostas que os estudantes forneceram a cada estímulo a respeito dessas caracterizações e construções de paisagens e de personagens, e solicitar que eles também as registrem no caderno. Trata-se de uma espécie de fichamento minucioso do que foi lido. As anotações terão serventia para a atividade após a leitura, que consistirá na elaboração de jogos inspirados nas aventuras vividas pelo personagem.

PÓS-LEITURA

Converse com a turma a respeito da suposta loucura de Dom Quixote. Como foi visto, o protagonista encarna o cavaleiro medieval, à semelhança de um personagem de RPG. É diferente de uma atuação. Quixote acredita realmente ser esse herói cavaleiro, embora as pessoas do entorno e as situações vividas tentem trazê-lo à realidade concreta.

Então é hora de os adolescentes criarem o próprio jogo, com regras próprias. A ideia é aproveitar o repertório deles a respeito dos jogos já conhecidos ou então as anotações das pesquisas realizadas na pré-leitura. Sugerimos a criação de jogos de trilhas/tabuleiros, em que os heróis percorrem as diferentes paisagens e passagens do romance até voltarem à fazenda de Quixote, ou uma aventura de RPG.

Em primeiro lugar, organizar a turma em grupos de cinco ou seis estudantes que vão decidir conjuntamente a modalidade de jogo que pretendem realizar. Os jogos podem variar de grupo a grupo, isto é, não é necessário que decidam apenas um jogo a ser experimentado por toda a sala. É necessário que decidam, também coletivamente, as próprias regras e produzam textos instrucionais que servirão de base para desenvolver os jogos. Por fim, com base nessas decisões, é necessário selecionar os materiais: cartolinas para os tabuleiros ou eventuais cartas de desafios, dados (também podem ser feitos de cartolinas), canetas coloridas, lápis de cor, tesoura, régua etc. Depois, os estudantes podem testar os jogos e ensinar os colegas de turma ou até mesmo convidar colegas de outras turmas do Ensino Fundamental para experimentar a brincadeira quixotesca que idealizaram.

Possibilidades interdisciplinares

As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança: Baseado na obra de Miguel de Cervantes estimula o diálogo com outros componentes curriculares, abrindo a oportunidade para a interdisciplinaridade, especialmente com História, Geografia e Arte.

HISTÓRIA

Dom Quixote parece, pelo menos em seus delírios, viver fora de sua época. Afinal, já no século XVII, portanto após a Idade Média, ele está preso ao mundo medieval,

por conta de suas exaustivas leituras de novelas de cavalaria. Cabe ao professor de História contribuir para a contextualização desses dois períodos e elencar as diferenças básicas entre esses distintos momentos históricos. Para tornar mais atraente essa contextualização, o professor pode exibir obras das artes visuais. Na Idade Média, era comum retratar passagens bíblicas, como as cenas da Paixão de Cristo; já no Renascimento predominava o autorretrato.

Tudo isso diz respeito à guinada de perspectiva: se na Idade Média a perspectiva era teocêntrica, na Idade Moderna, cujo marco inicial artístico é o Renascimento, torna-se antropocêntrica. Assim, numa roda de conversa, pode-se relacionar como essa perspectiva se relaciona com a construção dos personagens dessa obra. Como o romance de Cervantes revela, Quixote é repleto de contradições: não é apenas um louco (embora assim seja julgado), mas é movido por senso de justiça e pela caridade, tanto que é digno do epíteto “o bom”.

Posteriormente, vale a pena que, em grupos, os estudantes busquem informações sobre as diferenças básicas entre essas duas épocas (em especial as econômicas: feudalismo × mercantilismo) e sobre as figuras da nobreza típicas da Idade Média. A pesquisa pode ser realizada por meio de livros didáticos e outros materiais disponíveis na escola ou, se possível, na sala de informática da escola. Vale a pena dividir os estudantes em pequenos grupos, para que depois eles apresentem à turma os resultados das pesquisas. Tal atividade mobiliza a competência específica 1 de História*, que trata da compreensão de acontecimentos históricos e suas transformações (ou permanência) do tempo. Também mobiliza, mais especificamente, as habilidades EF06HI01** e EF07HI04***. A primeira diz respeito à identificação de diferentes períodos históricos; já a segunda aborda características do Humanismo e do Renascimento, contexto histórico em que Cervantes viveu e do qual, portanto, *Dom Quixote* provém.

* 1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo (Brasil, 2018, p. 402).

** (EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas) (Brasil, 2018, p. 421).

*** (EF07HI04) Identificar as principais características dos Humanismos e dos Renascimentos e analisar seus significados (Brasil, 2018, p. 423).

GEOGRAFIA

Em *Dom Quixote*, o cavaleiro, na companhia de Sancho Pança, percorre uma série de paisagens e de cidades espanholas, com menção a elementos da época e que até hoje, em alguns lugares da Espanha, são de algum modo preservados: moinhos de vento, castelos, fazendas, paisagens pastoris, prados e florestas, entre outros. Desse modo, convém, de início, se possível na sala de informática da escola, estimular que estudantes pesquisem as características da paisagem do país de Cervantes e de suas personagens. Com base nos espaços apresentados no decorrer da narrativa e também nessa pesquisa, sugerimos que os adolescentes, em grupos de quatro ou cinco integrantes, elaborem uma maquete reproduzindo os espaços mencionados na obra. Outras possibilidades são ilustrações cartográficas ou colagens.

É claro que não há a necessidade de verossimilhança. Essa atividade demanda diversos materiais, como cartolina, isopor, massinha, tesoura, tinta, caneta, garrafa PET (para a construção, por exemplo, dos moinhos). Se possível, depois de elaborada a maquete, exponha-a em algum ambiente onde possa ser vista por outros estudantes da escola. Além disso, é válido, também, que a turma explique o que representaram nessa produção. Trata-se de um trabalho colaborativo e, simultaneamente, lúdico. Tal atividade contribui para assegurar a competência 4 de Geografia*, que visa estimular o desenvolvimento do pensamento espacial por meio de diferentes linguagens.

ARTE

Uma vez que *As aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança* é uma adaptação, é o momento de convidar a turma a produzir sua própria obra inspirada no clássico. O foco vai ser a linguagem dos quadrinhos. A atividade pode ser feita em duplas.

Solicitar aos estudantes que manifestem de qual capítulo mais gostaram. Com base nas respostas, estimule-os a adaptar para quadrinhos a passagem eleita. De início, convém que realizem, em primeiro lugar, um roteiro. Alguns diálogos do livro podem ser transcritos.

* 4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas (Brasil, 2018, p. 366).

Visto que a imaginação de Dom Quixote transfigura a paisagem ou mesmo os seres — tomem-se como exemplo os moinhos de vento transformados em gigantes —, esta atividade é um ensejo para explorar a narrativa gráfica. Por exemplo: quando se trata de imaginação, é comum que as bordas dos quadrinhos ou os pensamentos dos personagens sejam indicados por contornos ou balões em formato de nuvens. Depois de elaborado o roteiro, é hora de transpor os excertos selecionados para a linguagem visual, usando folhas de papel ou cartolina.

A atividade demanda lápis de cor, canetas ou canetões e outros materiais para colorir. Depois, se possível, expor as produções num mural na sala de aula ou em algum outro espaço da escola para que possam ser contempladas por estudantes de outras turmas e anos. Tal atividade contribui para assegurar as competências específicas 2 e 4 de Arte*. A primeira competência se refere às interfaces, relações e articulações entre diferentes linguagens; a segunda valoriza o lúdico e a imaginação, o que é contemplado também por essa proposta de atividade.

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura.** Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** Tradução: Aurora Bernardini. São Paulo: Hucitec, 1993.

Nesta obra, Mikhail Bakhtin investiga as origens e os aspectos estruturais do romance, no qual coabitam outros gêneros e múltiplos estratos de linguagem.

* 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações (Brasil, 2018, p. 198).

4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte (Brasil, 2018, p. 198).

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Tradução: Marco Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Trata-se de um grande panorama que abarca cerca de quatro séculos de produção literária de autores clássicos fundamentais: de Shakespeare a Samuel Beckett, passando também por Jorge Luis Borges e Cervantes.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 18 ago. 2022.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Brasil. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://bit.ly/TCT_BNCC. Acesso em: 12 ago. 2022.

Os temas transversais visam apontar a relação entre os diferentes componentes curriculares com as vivências dos estudantes em suas realidades, contribuindo assim para a formação integral, crítica e cidadã dos estudantes brasileiros.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Dicionário básico da língua portuguesa, compilado de nove fascículos.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de artes do século XX. Tradução: Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

A teórica e crítica canadense analisa a paródia como instrumento de leitura ou até mesmo de leitura da realidade, abarcando a ironia e a sátira, entre outros procedimentos criativos.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 3 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LOPES, Marco Antônio. Explorando um gênero literário: os romances de cavalaria. **Tempo**, Niterói, v. 16, n. 30, p. 147-165, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/RomancesCavalaria>. Acesso em: 30 jul. 2022.

O artigo trata dos aspectos estruturais e temáticos das novelas de cavalaria.

LUKÁCS, György. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2007.

Estudo fundamental para compreender o romance moderno. O pensador húngaro apresenta aqui os principais aspectos históricos desse gênero, de *Dom Quixote* ao romance do começo do século xx.

SAMOYVAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução: Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

A romancista, tradutora e crítica literária apresenta diversas teorias acerca da intertextualidade, com destaque aos conceitos formulados por Julia Kristeva, Bakhtin e Roland Barthes.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Estudo fundamental para quem quer se aprofundar nos aspectos históricos e sociais que concorreram para a consolidação do romance como gênero moderno por excelência.